



## ENTRE HETERODOXOS E ORTODOXOS: NOTAS SOBRE CATECISMOS DIALOGADOS NA EUROPA E NAS COLÔNIAS NO SÉCULO XVI

Cândida Barros\*

Museu Emílio Goeldi – MPEG

[mcandida.barros@gmail.com](mailto:mcandida.barros@gmail.com)

**RESUMO:** O trabalho traça uma história dos catecismos dialogados na Espanha, em Portugal e no Novo Mundo no século XVI por meio da comparação das formas em que o diálogo de perguntas e respostas se apresenta em autores de catecismo de duas correntes religiosas, os heterodoxos, que seguiam a Erasmo de Rotterdan, e ortodoxos, que refletiam as linhas do Concílio de Trento. Este debate na Europa se refletiu no campo dos catecismos coloniais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Catecismos – Heterodoxos – Jesuítas – Catecismo Tupi

**ABSTRACT:** This article describes the evolution of the dialogue form of catechism used in Spain, Portugal and the New World during the 16th Century, by means of a comparison of how the dialogue of questions and answers used in such catechisms is presented by authors belonging to the competing religious approaches within the Roman Catholic Church: the heterodox line, associated with followers of Erasmus of Rotterdam, and the orthodox line, associated with the Council of Trent. This debate in Europe also extended to the catechisms used in the colonies.

**KEYWORDS:** Catechisms – Heterodox Approach – Jesuits – Tupi Catechism

O objetivo do trabalho será traçar uma história dos catecismos dialogados na Espanha, em Portugal e no Novo Mundo no século XVI por meio da comparação das diferentes formas que o diálogo de perguntas e respostas apresentou nessas obras antes e depois do Concílio de Trento. Em um primeiro momento, descreveremos mudanças textuais, pragmáticas e políticas ocorridas entre dois grupos de catecismos: os heterodoxos, comprometidos com a proposta de reforma religiosa de Erasmo de Rotterdan, e os ortodoxos, alinhados às posições do Concílio de Trento. Em um segundo momento, procuraremos os indícios da difusão dessas duas tendências ibéricas

---

\* Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP. Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

de catecismos nas colônias. Por fim, interpretaremos o catecismo tupi de Antônio de Araújo, de 1618, como um palimpsesto, por ter vestígios dessas duas correntes de catecismos.

Alguns autores de catecismos dialogados do século XVI serão tomados como representativos das duas tendências religiosas. Juan de Valdés, em 1529 (**Diálogo de la Doctrina Christiana**), e Constantino Ponce de la Fuente, em 1543 (**Suma de la Doctrina Christiana**), são exemplos de autores de catecismos heterodoxos. Juan de Ávila, em 1550 (**Doutrina Christiana que se canta**), e Marcos Jorge, em 1566 (**Doutrina Christã**), serão definidos como exemplos de autores de obras ortodoxas, representativas do modelo de catecismo difundido no período pós-tridentino.

Os dois grupos de catecismos serão diferenciados com base em uma tipologia que combine a descrição da estrutura do texto e do seu contexto pragmático.<sup>1</sup> Quanto à estrutura textual, diferenciaremos os catecismos em relação ao tipo de diálogo utilizado (colóquio familiar ou exame). Em relação ao contexto pragmático, nos interessará diferenciar os catecismos quanto às formas de uso do texto (doméstico ou público).

A suposição da pesquisa é que a presença do diálogo de perguntas e respostas nos catecismos coloniais não se explicaria pelo fato de esse tipo de conversação ser um modelo universal de aprendizado, e sim porque ele representava a transposição de um modelo de aprendizado da tradição ocidental para a colônia.

## SÉCULO XVI COMO PERÍODO DE “OURO E SANGUE” DO CATECISMO

O catecismo, como um gênero textual destinado às crianças e aos adultos não-letrados, não foi uma criação do século XVI, mas foi certamente nesse século que esse tipo de obra foi difundido em várias regiões do mundo e em diferentes línguas. A expressão “século de ouro e de sangue” para cunhar os catecismos quinhentistas foi usada por Álvaro Huerga para marcar tanto os sucessos como os perigos enfrentados pelos seus autores.<sup>2</sup> Século de ouro porque foi o período em que o catecismo foi um gênero literário prestigiado pelos principais teólogos católicos ou protestantes para difundir suas idéias (Constantino, Martim Lutero, Ítalo Calvino, Juan de Ávila, Juan de

---

<sup>1</sup> ZIMMERMANN, Klaus. Estructura comunicativa y tipologia de textos. **Estudio de Lingüística Aplicada**, México, n. 3, 1984, p. 91-125.

<sup>2</sup> HUERGA, Álvaro. Sobre la catequesis en España durante los siglos XV-XVI. **Analecta Sacra Tarraconensia**, Barcelona, v. 41, 1968, p. 299-343.

Valdés etc.). Esse tipo de obra se popularizou ao ser impresso nas diferentes línguas vernáculas européias. Algumas dessas obras tiveram sucessivas reedições devido ao seu sucesso, como foi o caso da **Suma de la Doctrina Christiana**, de Constantino.

Século de sangue dos catecismos porque muitos dos seus autores tiveram que se explicar perante a Inquisição, como Juan de Ávila, ou foram presos e condenados, como aconteceu com Constantino. Foi um período de inconstância político-religiosa. Os dias de glória como teólogo ou pregador dentro da Igreja poderiam ser sucedidos por um período de proibição e de perseguição, como ocorreu com Constantino. O êxito editorial dos seus catecismos deu lugar à condenação, em 1559, dos seus livros, que entraram na lista das obras proibidas pelo Inquisidor Fernando Valdés.<sup>3</sup>

Observaremos alguns títulos de catecismos associados ao debate religioso entre heterodoxos e ortodoxos na península ibérica no século XVI.

### **CATECISMOS HETERODOXOS: JUAN DE VALDÉS (1529) E CONSTANTINO PONCE DE LA FUENTE (1543)**

Juan de Valdés (1505-1541) e Constantino Ponce de la Fuente (1506-1560) foram autores de catecismos heterodoxos. Juan de Valdés escreveu **Diálogo da Doutrina Cristã**, em 1529. Constantino Ponce de la Fuente escreveu três catecismos: **Suma de Doctrina Christiana en que se contiene todo lo principal y necesario que el hombre cristiano debe saber y obrar** (1<sup>o</sup> edição em 1543); **Catecismo Christiano, para instruir a los niños** (1<sup>o</sup> em edição 1547); **Doctrina christiana, en que esta comprendida toda la informacion que pertenece al hombre que quiere servir a Dios** (1<sup>o</sup> edição em 1548).

Valdés era teólogo e comentarista da Sagrada Escritura; quando moço esteve envolvido com os “alumbrados”, que defendiam que para alcançar a Deus não se requeria nenhum tipo de sacramentos e de cerimoniais. Já Constantino foi pregador por 22 anos em Sevilla e fez parte da corte do Imperador Carlos Quinto como pregador entre 1548 e 1550.

Ambos se alinharam às críticas de Erasmo à vida eclesiástica centrada em mosteiros e à religiosidade expressa em jejuns, romarias, relíquias, indulgências e cerimoniais externos. No entanto, não havia em Erasmo simpatia pelo uso das línguas

<sup>3</sup> Cf. ÁVILA, Juan. **Obras completas del Santo Maestro Juan de Ávila**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971, p. 205.

vernáculos nas questões religiosas, enquanto os autores de catecismos heterodoxos utilizaram a língua vernácula neste gênero de obra. O catecismo de Valdés não teve segunda edição devido às críticas que recebeu por ser erasmista. Refugiou-se na Itália sob ameaça da Inquisição na Espanha, enquanto seu impressor teve que se explicar quanto às acusações de herege.<sup>4</sup> A proibição efetiva do catecismo de Valdés ocorreu no Índice de 1551.<sup>5</sup>

Dos três catecismos de Constantino, **Suma** é o único em forma de diálogo e está dirigido para jovens e adultos sem erudição (**Doctrina es llana y para gente sin erudición y letras**).<sup>6</sup> Foi também a sua obra mais famosa, tendo chegado a cinco edições sucessivas.

Os tempos de glória de Constantino se acabaram logo depois da morte do Imperador Carlos Quinto, que havia sido o principal apoio aos heterodoxos na Espanha. Os catecismos de Constantino tiveram problemas com a Inquisição por não se referirem a temas como Purgatório, indulgências, primado do Papa e intercessão dos santos.<sup>7</sup> Constantino foi preso em 1558. Morreu em 1560 na prisão, tendo seus ossos queimados no cerimonial de condenação da Inquisição.

Uma marca do gosto heterodoxo desses dois autores foi a inclusão de histórias bíblicas como tema da catequese. Os catecismos de Constantino e de Valdés – ambos professores de Escritura – continham esses tópicos. Em Valdés há “un brevezito compendio de la sagrada escritura” e uma tradução do grego para o espanhol de trechos do Evangelho de Mateus.<sup>8</sup> O tema bíblico muito presente nos sermões de Constantino foi a Paixão de Cristo. Posteriormente, a inclusão dessa temática nos catecismos passou a ser considerado como de gosto protestante. Um discípulo de Ávila, que havia ouvido Constantino pregar em 1556, associa o pregador aos protestantes pela ênfase dada à “Paixão de Cristo”:

- Hijo que os ha parecido [os sermões de Constantino]? y respondió el dicho doctor Diego Perez: No me ha parecido bien; porque en el

<sup>4</sup> BATAILLON, Marcel. Introduction et des notes. In: VALDÉS, Juan. **Diálogo de doctrina christiana**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

<sup>5</sup> GOMEZ, Jesús. Catecismos dialogados españoles (siglo XVI). In: \_\_\_\_\_. **Edad de Oro**. Madrid: Ediciones de Universidad Autonoma de Madrid, 1989, p. 119. v. 8.

<sup>6</sup> GUERRERO, Jose-Ramon. **Catecismos españoles del siglo XVI. La obra catequética del Dr. Constantino Ponce de la Fuente**. Madrid: Instituto Superior de Pastoral, 1969, p. 7.

<sup>7</sup> Ibid., p. 41.

<sup>8</sup> GOMEZ, 1989, op. cit., p. 118.

sermon todo fue predicar Pasion de Jesucristo, y luego tanto resplendor en sua vida y tan poca mortificación; discípulo me ha parecido de Lutero.<sup>9</sup>

Em 1559 estavam proibidos, além de autores protestantes e erasmitas, também Bíblias e Livros de Horas em espanhol. Esses últimos foram incluídos na lista porque tinham trechos retirados do Novo e Velho Testamento em línguas vernáculas. A catequese por meio da história bíblica vai dar lugar àquela que enfatizava a enunciação oral das fórmulas dos princípios da fé (saber as orações e preceitos), padrão utilizado pelos autores ortodoxos.

### CATECISMO ORTODOXO: JUAN DE ÁVILA, 1550

Juan de Ávila foi o criador de um grupo de religiosos que tinha como objetivo ensinar a doutrina cristã às crianças, assim como fez Inácio de Loyola. Ávila, porém se diferenciou dos jesuítas na forma de recrutamento e de organização.<sup>10</sup> Seu grupo não estava organizado por meio de constituições, como os jesuítas, nem suas escolas mantinham uma organização centralizada, como na Companhia de Jesus. Uma dificuldade para Ávila fundar uma ordem constituída ao estilo dos jesuítas era o grande número de judeus convertidos entre seus discípulos, o que impediria a autorização.<sup>11</sup>

Durante sua vida, Ávila enfrentou vários problemas com a Inquisição. Ainda moço, foi tomado como suspeito de simpatia por Lutero. No período do Inquisidor Fernando Valdés, Ávila teve um dos seus livros (**Audi filia**) incluído na lista das obras proibidas de 1559. Apesar desta trajetória biográfica com matizes heterodoxos, seu catecismo de 1550 será tomado como representando a corrente ortodoxa em virtude da circulação de suas propostas sobre esse tipo de obra entre os religiosos alinhados ao Concílio de Trento. O modelo de catecismo de Ávila foi o que influenciou as obras de catequese tridentina, em particular os catecismos jesuíticos ibéricos.

Ávila expôs sua concepção de catecismo em dois textos. Um deles foi a **Doctrina Cristiana que se canta** (1550), obra que influenciou a Companhia de Jesus na concepção de catecismo popular. O outro foi **Memorial II para o Concílio de**

<sup>9</sup> ANSA, Maria Paz Aspe. **Constantino Ponce de la Fuente. El hombre y su lenguaje**. Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca, 1975, p. 86.

<sup>10</sup> Cf. BATAILLON, Marcel. Jean d'Ávila retrouvé (a propos des publications recentes de D. Luis Sala Balust). **Bulletin Hispanique**, Bourdeau, n. 57, p. 7, 1955.

<sup>11</sup> Cf. *Ibid.*, p. 5-44.

**Trento** (1561), documento encomendado pelo Arcebispo de Granada para circular no Concílio, contendo a concepção de catecismo popular de Ávila.

Juan de Ávila está entre os religiosos que procuraram interferir no catecismo tridentino. Em 1561 preparou um documento para o Concílio de Trento em que ele definia como deveriam ser os catecismos oficiais. Ele propôs três tipos de catecismos diferenciados segundo o público ao qual se destinavam. O principal era aquele dirigido às crianças. Diferentemente de sua obra de 1550, estruturada por meio de verso, Ávila propunha no Concílio o “modo de diálogo” como a forma de texto a ser usado em um “mesmo catecismo para toda la cristiandad”.<sup>12</sup> O diálogo, porém, não era uma forma textual obrigatória para Ávila. Um segundo catecismo seria destinado aos adultos que não sabiam latim. Esse tipo de obra procurava substituir o gosto por leituras de catecismos “profanos” em línguas vernáculas européias por parte dos adultos.<sup>13</sup> Nesses dois catecismos, a língua utilizada deveria ser a vernácula, inclusive para as orações. O terceiro catecismo proposto por Ávila era dirigido para os párocos e deveria ser em latim.

Nas primeiras sessões do Concílio de Trento em 1546, foi aprovada a necessidade de oficializar um catecismo único para toda a Igreja, mas não chegou a haver consenso entre os participantes sobre como concretizá-lo. Além de divergências teológicas, havia diferentes posições em relação a que tipo de catecismo fazer: popular ou dirigido apenas ao clero. Havia desavenças também em relação às traduções de passagens bíblicas. Até o final do Concílio de Trento, não houve consenso para se fazer um catecismo popular. O único que saiu como oficial do Concílio de Trento foi o Catecismo Romano, destinado aos párocos, publicado em 1566, três anos depois daquele fórum, e oficializado como porta-voz das posições tridentinas.<sup>14</sup>

A uniformidade conseguida no catecismo oficial para párocos não ocorreu na esfera dos catecismos dirigidos aos leigos. Para essa modalidade de catecismo, houve uma profusão de títulos, muitas vezes escritos no interior da mesma ordem religiosa e

---

<sup>12</sup> GUERRERO, Jose-Ramon. **Catecismos españoles del siglo XVI. La obra catequética del Dr. Constantino Ponce de la Fuente.** Madrid: Instituto Superior de Pastoral, 1969, p. 41.

<sup>13</sup> HUERGA, Álvaro. Sobre la catequesis en España durante los siglos XV-XVI. **Analecta Sacra Tarraconensia**, Barcelona, v. 41, p. 314, 1968.

<sup>14</sup> CEPEDA, Isabel; CAIXEIRO, Maria Helena. As edições do Catecismo Romano nas coleções da Biblioteca Nacional. **Revista da Biblioteca Nacional**, Lisboa, n. 9, p. 139-148, 1994.

na mesma época.<sup>15</sup> Porém, todos declararam sua obediência aos preceitos do Concílio de Trento.

Os catecismos populares tridentinos mantiveram um elenco de temas recorrentes. Desapareciam os tópicos sobre história bíblica e em seu lugar se incluíam as orações (em particular o Pai-Nosso), os sacramentos, os mandamentos e os Artigos da Fé (Santíssima Trindade, etc.). Essas fórmulas deviam ser enunciadas oralmente, devido à opção dos ortodoxos pela oração vocal (“porque todo fiel Christam, nam sòmente he obrigado a crer a sancta fé catholica de coraçam, mas estar aparelhado a cõfessar cõ a boca quando for necessario, tè morrer por ela” , Jorge & Martins 1602: 19). Valdés e Constantino, assim como Erasmo, foram partidários da oração em silêncio (“oração mental”).<sup>16</sup>

Essa opção teológica teve repercussão na forma de uso do catecismo ortodoxo, em que a maior parte dos textos era destinada a ser oralizada. Apenas prólogos e pequenos trechos intercalados aos diálogos, com instrução aos prelados de como fazer uso da obra, supunham uma leitura silenciosa.

### CATECISMOS JESUÍTICOS COMO MODELO ORTODOXO NA EUROPA

Nos dez primeiros anos da Companhia, os jesuítas não aparecem como autores de catecismos populares. A ausência de um texto entre os jesuítas fez com que fossem procurar em Ávila um modelo para o catecismo em italiano. Os jesuítas foram os primeiros a fazer uma tradução da doutrina em verso de Ávila. Uma tradução para o italiano foi impressa na Sicília em 1556 e teve a interferência direta de Inácio de Loyola, que se responsabilizou pelas despesas da impressão.<sup>17</sup>

Mais tarde, os jesuítas predominaram como autores de catecismos em vários países da Europa no século XVI: na Alemanha, Pedro Canísio (1556); em Portugal, Marcos Jorge (1566); na Espanha, Jeronimo Ripalda (1591) e Gaspar Astete (1593); na Itália, Roberto Belarmino (1597). Todas essas obras eram dirigidas às pessoas não-letradas em diferentes línguas vernáculas européias.

<sup>15</sup> FERNANDES-VIEIRA, Manuel. **A “Doutrina christam” do P. Marcos Jorge**. 1981. Tese (Doutorado) – Universidade de Navarra, Pamplona, 1981.

<sup>16</sup> BATAILLON, Marcel. Introduction et des notes. In: VALDÉS, Juan. **Diálogo de Doctrina cristiana**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

<sup>17</sup> LACOMA, Laureano Castan. Las realizaciones pedagógicas del maestro Juan de Avila. **Revista Española de Pedagogia**, Madrid, n. 61, p. 7, 1958.

Os padres Marcos Jorge e Inácio Martins foram os autores do principal catecismo popular em língua portuguesa, com inúmeras reedições até o período pombalino. Marcos Jorge foi autor da primeira versão da **Doutrina Cristã** (1566) e Inácio Martins lhe acrescentou passagens. Marcos Jorge (1524 -1571) entrou na Companhia de Jesus em 1548; foi o primeiro professor de Teologia Moral do Colégio de Lisboa e o responsável pela preparação dos padres destinados a confessores. Inácio Martins (1530 – 1598) foi o primeiro noviço admitido na Companhia de Jesus em 1547, no Colégio de Coimbra.

O catecismo de Marcos Jorge surgiu com **status** de texto oficial por parte da Companhia de Jesus em Portugal.<sup>18</sup> O caráter de obra encomendada está mencionado no prólogo de Marcos Jorge (“[...] a doutrina commum, que todos conformemente poderemos ensinar, nos mandaram a algum padres, e a mim entender nella”<sup>19</sup>). Houve apoio da Coroa também no financiamento da sua primeira edição (**Impresso cõ Priuilegio Real, et por mandado do Serenis. Cardeal Iffante**).

#### INDÍCIOS DA DIFUSÃO DAS OBRAS HETERODOXAS E ORTODOXAS ENTRE AUTORES DE CATECISMOS COLONIAIS

A concepção quinhentista do catecismo era de ser este um gênero literário de instrução religiosa de validade universal, no qual o mesmo conjunto de tópicos ensinados entre cristãos deveria ser levado aos não-cristãos. Uma mesma obra usada em regiões na Espanha de tradição cristã era enviada para se usar entre muçulmanos e judeus convertidos ou entre não-cristãos nas colônias. Entre autores de catecismos no mundo colonial, encontraremos leitores desses tipos de catecismos.

#### CONSTANTINO PONCE DE LA FUENTE COMO MODELO PARA CATECISMO COLONIAL (1546- 1553)

Juan Zumárraga, no México, os jesuítas Francisco Xavier, na Índia, e Pero Correia, no Brasil, autores de catecismos na América e na Ásia, foram leitores de obras

<sup>18</sup> LEITE, Serafim. **Monumenta Brasiliae**. Roma: Institutum Historicum Societatis Jesu, 1956, p. 286; 288. v. 4.

<sup>19</sup> JORGE, Marcos; MARTINS, Inacio. **Doctrina Christã**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1602.

heterodoxas, em particular as de Constantino.<sup>20</sup> Eles representam diferentes lugares na hierarquia da Igreja do Novo Mundo. Zumárraga e Francisco Xavier ocupavam altos postos na hierarquia eclesiástica no ultramar. Os dois vinham da Espanha e tinham conhecimento do debate que se travava na Igreja. O mesmo não aconteceu com Pero Correia, que estava no Brasil desde 1534 como colono e devia desconhecer aquelas disputas religiosas.

O franciscano Juan Zumárraga (-1548) foi o primeiro bispo do México (1527) e o responsável pela montagem da imprensa de Juan Cromberger (o mesmo editor de Constantino em Sevilla) no México. Das doze obras editadas no México no período de Zumárraga, oito delas foram impressas a mando do Bispo.<sup>21</sup> Entre estas, quatro reproduziram autores heterodoxos, tais como Erasmo e Constantino.<sup>22</sup> Este último foi reproduzido em duas obras de Zumárraga, porém, o Bispo não explicita nos seus livros a autoria dos textos. Entre a primeira edição da **Suma** na Espanha, em 1543, e a sua reprodução parcial no México como obra de catequese dos índios em 1546, se passaram três anos.

Outro leitor de Constantino é Francisco Xavier (1506-1556), primeiro provincial dos jesuítas na Ásia e autor de um catecismo em português baseado na cartinha de João de Barros (1539). Francisco Xavier menciona Constantino em uma carta de abril de 1552, de Cochim, para o padre Barzeo, em Goa. Na carta, Xavier determinava que uma obra de Constantino que havia em duplicata em Goa fosse entregue a um missionário que ia para a China.

El P. Antônio de Heredia tenía acá un libro que es necesario llevarlo a la China, el cual se llama Constantino. Francisco Lopez tiene uno, y el P. Manuel de Morais tiene otro; uno de éstos lo mandares al P. Antônio de Heredia porque tiene necesidad de él.<sup>23</sup>

A escolha do catecismo de Constantino como obra para acompanhar um missionário em viagem de catequese apontava a importância que Xavier deu a essa

---

<sup>20</sup> BATAILLON, Marcel. **Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI.** México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

<sup>21</sup> MANCERA, Sonia Corcuera de. **El fraile, el indio y el pulque. Evangelización y embriaguez en la Nueva España (1523-1548).** Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1991, p. 292.

<sup>22</sup> GIL, Fernando. **Primeras “doctrina” del nuevo mundo. Estudio historico-teológico de las obras de fray Juan de Zumárraga.** Buenos Aires: Facultad de teología de la Pontificia Universidad Católica, 1993.

<sup>23</sup> BATAILLON, 1950, op. cit., p. 452.

obra. Esse apreço foi compartilhado também pelos dois jesuítas (Francisco Lopez e Manuel de Moraes) que haviam incluído na bagagem para a Índia livros do escritor espanhol.

### **UM LEITOR DE CONSTANTINO ENTRE MISSIONÁRIOS NÃO-LETRADOS: PERO CORREIA**

A presença de Pero Correia (-1553) entre os leitores de Constantino Ponce de la Fuente oferece um indicador de que a recepção do autor heterodoxo espanhol na colônia não se deu apenas entre a hierarquia letrada, mas também entre religiosos não-letrados, como aquele irmão jesuíta.

Pero Correia era colono no Brasil desde 1534. Antes de entrar na Companhia, participou de expedições pelo litoral e se envolveu em pilhagem e em morte dos índios. Ao ser admitido na Companhia de Jesus em 1550, ele fez parte do grupo identificado como “línguas” (intérpretes).

Esse grupo de jesuítas “línguas” não tinha o perfil do quadro jesuítico vindo da Metrópole. Uma boa parte dos irmãos “línguas” admitidos no Brasil no século XVI teve de ser encaminhada para ordenação com pedidos de dispensas por motivos variados. O pedido de dispensa para ser ordenado padre apontava para o fato de que aquela pessoa não correspondia ao perfil requerido pela metrópole, mas ainda assim se pleiteava sua entrada ou promoção na Ordem, por dominar o tupi.

Pero Correia estava entre aqueles que não sabiam latim. Para esse grupo, tinha sido pedido dispensa dessa exigência para receberem os votos. Para Pero Correia, o mais conceituado como “língua” desse grupo, era ainda necessária a dispensa da acusação de ter matado índios, quando era negociante de escravos indígenas.<sup>24</sup>

Sabemos que Pero Correia é leitor de Constantino por ele mesmo mencionar em uma carta de março de 1553, quando pede a Lisboa, com veemência, a compra das obras do autor espanhol. Ele se identifica como um pregador que não sabe latim e a obra de Constantino lhe serviria como inspiração para a pregação dos índios.

*Yo siempre les hablo así a ellos como a la más gente que se aiunta en la iglesia en su lengua y les predico las cosas de la fe; mas fáltanme libros en language para estudiar, porque no soi latino y no me puedo ajudar de los de latín. Mándame V.R. algunos. Y en Sevilla hizo, uno*

---

<sup>24</sup> LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938, p. 237. v. 2.

que se llama el Doctor Constantino, unos 5º libros, intitulados el uno Confesión de un pecador, el otro Doctrina Christiana, el otro Exposicion del primer salmo de David, Beatus Vir, etc, el outro Suma de Doctrina Christiana, el outro Catecismo Christiano, para instruir a los niños, de los quales yo vi uno que es la parte I sobre los articulos de la fe, cosa muy santa y necesario para estas partes. Si ubiere estos libros en Lisbona mandemelos V.R. todos 5º, y si no los ai mandemelos traer de Sevilla, por amor de nuestro Señor, porque mi officio es sempre hablar de nuestro Señor, y un predicador si no tiene siempre cosas nuevas enfastia, quanto mais yo que ni nuevas ni viejas tengo, porque mi estudio en este mundo nunca fué para servir a Dios, mas para lo ofender. Bendito sea él que me dexo llegar a este tiempo!<sup>25</sup>

O que Pero Correia teria lido de Constantino? Ele apenas diz que a obra consultada tinha a primeira parte “sobre los articulos de la fe, cosa muy santa y necesario para estas partes”. Leite acha que foi a **Doctrina christiana** (1548) porque começa pelo Artigo de Fé, mas, segundo Guerrero, também **Suma** (1543) e **Catecismo Christiano** (1547), do mesmo autor, seguem essa estrutura: artigos da fé, mandamentos, Pai-Nosso e sacramentos.<sup>26</sup>

Um indício de que Pero Correia teria lido a **Suma** decorre de uma cédula real publicada na edição de 1551.<sup>27</sup> Esta cédula, de 1548, reproduzida naquela edição (não sabemos se também em outras edições), concedia a Constantino os direitos exclusivos da venda de seus livros. A cédula lista as obras de Constantino na mesma ordem e com os mesmos termos que o faz Pero Correia. Uma hipótese é de que Pero Correia teria, quando escreveu a carta, diante de si a **Suma** (edição de 1551?) ou teria anotado verbatim o que vinha escrito no livro de Constantino.

Em suma, os comentários sobre a adequação de Constantino para as colônias ou a sua publicação no México ocorreram entre 1546 e 1553, período em que suas obras estavam no apogeu na Espanha. Em 1553 apenas se iniciavam as pressões da Inquisição a respeito de algumas das obras de Constantino.

Os dados sobre as leituras de Constantino na colônia apenas nos possibilitam conhecer a difusão desse autor e de suas obras, sem contudo nos permitir dizer que os

<sup>25</sup> Ir Pero Correia ao P. Simão Rodrigues, Lisboa, 1553 apud LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938, p. 442. v. 1.

<sup>26</sup> GUERRERO, Jose-Ramon. **Catecismos españoles del siglo XVI. La obra catequética del Dr. Constantino Ponce de la Fuente**. Madrid: Instituto Superior de Pastoral, 1969, p. 172.

<sup>27</sup> ANSA, Maria Paz Aspe. **Constantino Ponce de la Fuente. El hombre y su lenguaje**. Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca, 1975, p. 68.

três religiosos foram heterodoxos apenas por as terem lido. Há polêmicas quanto à interpretação de Zumárraga como erasmista.<sup>28</sup>

### MARCOS JORGE E INÁCIO MARTINS COMO MODELO ORTODOXO DE CATECISMO PARA AS COLÔNIAS PORTUGUESAS

A influência do modelo ortodoxo de catecismo nas obras destinadas às colônias pode ser observada acompanhando a difusão que o catecismo dos jesuítas Marcos Jorge e Inácio Martins teve no mundo colonial português entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. As menções à “doutrina cristã a modo de diálogo” ou à “doutrina de pergunta e resposta” nas cartas dos missionários na Índia e no Brasil são identificadas pelos estudiosos dos jesuítas nessas duas regiões como sendo o catecismo de Marcos Jorge.<sup>29</sup> A repercussão desta doutrina pelas colônias portuguesas foi testemunhada por um dos seus co-autores, Inácio Martins. As cartas recebidas por ele vindas dos missionários na Ásia lhe informavam do uso do seu catecismo.<sup>30</sup>

As línguas nas quais houve impressão de traduções ou adaptações do catecismo de Marcos Jorge e Inácio Martins foram:

a) Língua tamul em 1579 (“Doctrina Christã, a maneira de Diálogo: feyta em Portugal pello Padre Marcos Jorge da Companhia de IESU: tresladada em língua Malauar Tamul, pello padre Anrique Anriquez da mesma Companhia. Em Cochim, no Collegio da Madre de Deus”)<sup>31</sup>.

b) Língua japonesa em 1592 (“Nippon no Iesus no Companhia no Superior yori Christan ni soto no cotouari uo tagaino mondo no gotoqu xidai uo vacachi taamo Doctrina.... Amacusa”)<sup>32</sup>.

<sup>28</sup> ALEJOS-GRAU, Carmen José. **Juan de Zumarraga y su regla cristiana breve (Mexico 1547)**. Pamplona: Universidad de Navarra, 1991.

<sup>29</sup> WICKI, Ioseph. **Documenta Indica**. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1972. v. 12; e LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938.

<sup>30</sup> JORGE, Marcos; MARTINS, Inacio. **Doctrina Christã**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1602.

<sup>31</sup> BOXER, Charles. A tentative check-list of Indo-Portuguese imprints, 1556-1674. **Boletim Instituto Vasco da Gama**, Goa, n. 73, 1956.

<sup>32</sup> MARUYAMA, Toru. **Selective bibliography concerning the jesuit mission press in the sixteenth and seventeenth centurias**. Nanzan: Nanzan University, 1998.

c) Língua konkani em 1622 (“Doutrina christam em lingoa bramana canarim: ordenada a maneira de diálogo, pera ensinar os mininos coposta pollo Padre Thomas Estevao. Empresa no Collegio de Rachol da Copanhia de Jesus”).

d) Língua kikongo em 1624 (“Doutrina christaa. Composta pelo P. Marcos Jorge... Acrescentada pelo Padre Ignacio Martinz... De novo traduzida na lingoa do Reyno de Congo, por ordem do P. Mattheus Cardoso theologo,/ da Companhia de Jesu. Lisboa: por Geraldo da Vinha”).

No caso do tupi, foi feita uma tradução do catecismo de Marcos Jorge em 1574 pelo jesuíta Leonardo do Vale (1538-1591).

El Pe. Leonardo compuso este año [1574] una doctrina en la lengua del Brasil quase tresladando la que hizo el Pe. Marcos Jorge de buena memoria. Costo mucho trabajo mas entiendese que sera provechoso.<sup>33</sup>

Não se conhece o texto autógrafo de Leonardo do Vale. Sabe-se apenas que em 1575, um ano depois de sua tradução, foi feito um pedido, sem sucesso, a Portugal para que o catecismo tupi fosse impresso. Apenas em 1618, foi publicado o primeiro catecismo tupi.

A difusão de Marcos Jorge como modelo da evangelização para o Padroado Português foi parte de uma política jesuítica de disciplinarização da evangelização pelos cânones do Concílio de Trento. O uso de um mesmo catecismo como roteiro representou uma forma de enquadrar a evangelização pelo modelo usado em Portugal. No Brasil, o texto de Marcos Jorge traduzido para o tupi foi associado ao modo de pregar para os “brancos”. Esta versão impedia o uso de rituais nativos na evangelização, como havia sido empregado por Pero Correia, que fazia suas pregações nas horas próprias dos pajés durante a madrugada:

Por todos os lugares e povoações que passávamos me mandava pregar-lhes nas madrugadas, duas horas ou mais; e era na madrugada porque então era costume de lhe pregarem os seus Principaes e Pajés, a que eles muito crêem.<sup>34</sup>

### Diferentes modalidades de catecismos

Não houve apenas diferenças teológicas entre catecismos heterodoxos e ortodoxos, mas também diferentes tipos de diálogo de pergunta e resposta (“colóquio

<sup>33</sup> HISTORIA DE LA fundación del Collegio de la Baya de todo los Sanctos, y de sus residencias. **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 19, p. 117, 1897.

<sup>34</sup> LEITE, Serafim. **Monumenta Brasiliae**. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1956, p. 220. v. 1.

familiar” x “exame”) assim como distintos contextos de uso da obra (doméstico x público).

### **Diferentes estruturas textuais**

Valdés e Constantino foram adeptos do colóquio familiar como forma textual de seus catecismos. Valdés cita explicitamente como seu modelo de “colóquio familiar” o livro *Inquisitio de fide*, de Erasmo.<sup>35</sup> No texto de Valdés, o colóquio se estrutura em duas partes, a apresentação e o desenvolvimento. Na primeira, Eusebio, o protagonista, relata em primeira pessoa como ocorreu seu encontro com Antrônio, um cura de uma igreja perto de seu mosteiro, e como foram consultar o Arcebispo de Granada, Pedro de Alva, sobre a doutrina. Na segunda parte, o diálogo começa na casa do Arcebispo quando os três personagens se encontram. Tanto em Valdés como em Constantino, os personagens são identificados com nomes e diferenciados por atributos (Eusebio como tendo “letras e experiências”, Antrônio, como “idiota”, ou seja, sem conhecimento de latim).

No colóquio familiar, poderia ocorrer a inversão dos papéis de quem pergunta e de quem responde. Os personagens enunciam outros atos de fala, além de perguntar e responder. Eles confirmam compreensão (Eusebio: “Muy bien me entendistes”) ou pedem clarificação para uma pergunta ou para uma resposta, ou ainda negam<sup>36</sup>. Os turnos e as formas de tratamento entre os personagens do colóquio de Valdés eram definidos ao longo da conversação e não estavam predeterminados antes do diálogo. Por exemplo, em Valdés, Eusebio chama o Arcebispo de “vuestra señoría”, e este lhe pede que deixe de lado aquela forma de tratamento. Também não estava definido entre os personagens quem perguntaria e quem responderia. Há uma negociação entre os personagens sobre quem deveria perguntar ou responder.

Outra característica do colóquio familiar é ter referências temporais e espaciais determinadas. No diálogo de Juan de Valdés, o narrador situa o encontro dos personagens na horta de um mosteiro na época de São João. Em Constantino não há

---

<sup>35</sup> GOMEZ, Jesús. Catecismos dialogados españoles (siglo XVI). In: \_\_\_\_\_. **Edad de Oro**. Madrid: Ediciones de Universidad Autonoma de Madrid, 1989, p. 119.

<sup>36</sup> VALDÉS, Juan. **Diálogo de Doctrina cristiana**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

referências espaciais, mas sim temporais, ao determinar o momento do dia no qual ocorre o diálogo.<sup>37</sup>

Nenhum dos três leitores de Constantino fora da Europa (Juan Zumárraga, Francisco Xavier e Pero Correia) conservou o colóquio como modalidade de texto em suas obras. Um texto tupi identificado por Armando Cardoso como sendo de Pero Correia está na forma de sermão.<sup>38</sup> As obras de Zumárraga influenciadas por Constantino não usaram o diálogo.

O colóquio familiar não foi uma modalidade de pergunta presente nos catecismos ortodoxos. Esses últimos preferiram o diálogo de pergunta de exame, no qual um mestre pergunta e o discípulo responde. O que pergunta já possui a resposta e quer saber se o que responde a conhece.

O catecismo de Juan Ávila de 1550 contem “interrogaciones”, porém ele combina outros tipos de textos: abecedário, canções, orações, sermão. O diálogo de perguntas e respostas não era a parte principal da obra de Ávila e sim os versos para serem cantados, que dão título à obra (Doctrina christiana que se canta. Oydno vos por amor de Dios/1550).

A principal função das perguntas no catecismo de Ávila era de recapitulação do que havia sido ensinado pelos cantos ou pelas declarações.<sup>39</sup> Para Ávila, esse tipo de diálogo não deveria ser usado com adultos, apenas com crianças (“porque [os adultos] les parecerá que aquello se debe pedir a los infieles y no a ellos, que son cristianos”).<sup>40</sup> Para alcançar os adultos, o diálogo deveria ser feito por crianças em lugares públicos para que aqueles pudessem escutar.

Os catecismos jesuíticos (Canisius, Marcos Jorge, Ripalda etc.) transformaram o diálogo de pergunta e resposta na forma central de ensino da doutrina, diferentemente de Ávila, para quem as perguntas eram apenas um componente final da interação e não deveriam ser usadas com todos os grupos a serem evangelizados.

---

<sup>37</sup> GOMEZ, Jesús. Catecismos dialogados españoles (siglo XVI). In: \_\_\_\_\_. **Edad de Oro**. Madrid: Ediciones de Universidad Autonoma de Madrid, 1989, p. 126. v. 8.

<sup>38</sup> CARDOSO, Armando. Introdução, tradução e notas. In: ANCHIETA, José. **Doutrina Cristã**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 196. v. I.

<sup>39</sup> LACOMA, Laureano Castan. Las realizaciones pedagógicas del maestro Juan de Ávila. **Revista Española de Pedagogía**, Madrid, n. 61, p. 18, 1958.

<sup>40</sup> HUERGA, Álvaro. Sobre la catequesis en España durante los siglos XV-XVI. **Analecta Sacra Tarraconensia**, Barcelona, v. 41, p. 314, 1968.

O catecismo em forma de pergunta de exame não era uma criação jesuítica, porém a Companhia foi responsável pela sua generalização como modelo de catecismo popular tridentino. Em sua maioria o mestre pergunta e o discípulo responde. O diálogo como “exame” ocorre por meio de turnos exclusivos de perguntas e respostas, que se sucedem por meio de uma alternância regular ao longo de todo o catecismo. Os papéis instituídos nos diálogos em Marcos Jorge ocorriam entre “mestre” e “discípulo”. Como vocativo, usam “Padre” e “Menino”. Não há personagens com nomes, como nos autores heterodoxos. Não há alteração nessa distribuição de atos de fala entre os participantes do diálogo. Não havia discussão de idéias entre os turnos de perguntas e respostas. Tampouco há marcas temporais ou contextuais, como havia nos colóquios de Valdés.

### **Diferentes contextos de uso do diálogo**

Entre os dois grupos de catecismos, há contextos de uso diferenciados para esse gênero de obra. Constantino destina a Suma aos novos hábitos de leitura que ele via surgir entre as pessoas. (“dizian que nace de darse agora más a leer que en todos los tiempos pasados de que podamos tener memoria”).<sup>41</sup> Os catecismos de Valdés e de Constantino tinham vários personagens mas eram todos para serem lidos por uma única voz, silenciosa ou em voz alta.

Um cenário de leitura desenhado por Constantino era o contexto doméstico. Ele destina sua obra às situações em que as pessoas se reuniam nas casas para ouvir a leitura oral de alguma passagem do Evangelho que iria ser lida na Igreja no dia seguinte.<sup>42</sup> O ambiente doméstico como contexto do ensino da doutrina está presente nos tipos de personagens na obra de Constantino: o padrinho, o afilhado e o pai. No catecismo de Valdés, pelo tipo de personagem escolhido para compor o seu colóquio (um cura de uma Igreja), o ambiente representado para o diálogo era o das escolas paroquiais.

Enquanto os catecismos de Valdés e de Constantino surgiram vinculados ao crescimento de hábitos de leitura no espaço doméstico, os catecismos de Juan de Ávila e dos jesuítas estavam atrelados a movimentos de evangelização pública organizada pela

---

<sup>41</sup> GIL, Fernando. Primeras “doctrina” del nuevo mundo. **Estudio historico-teológico de las obras de fray Juan de Zumárraga**. Buenos Aires: Pontificia Universidad Católica Argentina, 1993, p. 576.

<sup>42</sup> CONSTANTINO apud BATAILLON, Marcel. Introduction et des notes. In: VALDÉS, Juan. **Diálogo de doctrina christiana**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925, p. 260.

Igreja. As obras ortodoxas eram dirigidas a servir de roteiro de um diálogo entre o padre e os fiéis no espaço público.

Os contextos de uso do catecismo de Ávila de 1550 foram as escolas fundadas por ele na Espanha e as praças públicas. A obra estava direcionada a uma proposta de catequese pública e itinerante.<sup>43</sup> O espaço de atuação de seus discípulos eram as feiras, onde chegavam em procissão com os alunos das escolas cantando. O ensino de doutrina saía das escolas e tomava as ruas. Seu catecismo foi principalmente um roteiro de catequese pública, em que estava definido o cerimonial (o que dizer e como atuar) a ser seguido entre catequista e fiel.

A concepção do catecismo de Ávila como roteiro preestabelecido de práticas verbais entre religioso e fiel pode ser encontrada na sessão final chamada “Alguns documentos o avisos para gloria del Señor y mejor enseñar la Doctrina Cristiana”.<sup>44</sup> Ali estavam expostas as instruções sobre como organizar a catequese ao redor do catecismo. As crianças eram apresentadas como as principais destinatárias do texto: elas deveriam ser organizadas por meio das escolas, procissões, passeios ao campo e pelo sistema de prêmios para as que freqüentavam a doutrina.<sup>45</sup>

O catecismo de Avila estabelecia os movimentos a serem usados durante o cerimonial: a doutrina estava precedida pela procissão em áreas públicas, durante a qual cantavam as coplas do catecismo. Estava também determinada a posição das mãos durante o uso da obra (“antes ni después no estén ocupados con las manos en alguna cosa que les quite la atención, sino que las tengan en los pechos cruzadas, o de otra manera honesta”).<sup>46</sup> Essa concepção de catecismo como roteiro de uma performance com gestos, movimentos e enunciados entre duas pessoas se distanciava das obras de Constantino e de Valdés, baseadas na sua leitura por uma só voz para o ambiente doméstico.

Os catecismos jesuíticos de Marcos Jorge e Inácio Martins, em Portugal, e de Ripalda, na Espanha, reproduziram a experiência das doutrinas públicas antecedidas por

---

<sup>43</sup> RESINES, Luis. **La catequesis en España. Historia y textos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997, p. 176.

<sup>44</sup> ÁVILA, Juan. **Obras completas del Santo Maestro Juan de Avila, Edición crítica**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianas, 1971, p. 478.

<sup>45</sup> LACOMA, Laureano Castan. Las realizaciones pedagógicas del maestro Juan de Avila. **Revista Española de Pedagogia**, Madrid, n. 61, p. 17, 1958.

<sup>46</sup> ÁVILA, 1971, op. cit., p. 479.

procissões até praças ou pátios de Igreja. O catecismo português seguiu o estilo de obra de Juan de Ávila ao optar pelo catecismo como roteiro preestabelecido de um diálogo entre padre e fiel durante a “doutrina”.

No cotidiano, o diálogo de perguntas do catecismo português correspondia à situação comunicativa do “exercício da doutrina” ou “ministério da doutrina”, uma atividade externa à missa.<sup>47</sup> No texto “Lembrança pera quem ensinar a Sancta Doutrina”, que acompanha a edição de Doutrina Cristã de 1602, Inácio Martins instrui o prelado quanto à forma de fazer uso do roteiro de interação contido no catecismo. Não era apenas um roteiro de diálogo, havia uma performance a executar.

Martins descreve o cerimonial a ser seguido na doutrina: começaria pela oração da Ave-Maria, cantada com todos os participantes em joelhos. Depois saíam em procissão com bandeira de Nossa Senhora, com o padre ou o irmão na frente, tocando uma campainha para chamar as crianças. A procissão deveria ir em direção à igreja ou à praça pública cantando ladainhas. Na chegada à praça, a doutrina tinha início pelas orações ditas com os meninos. Depois, havia uma sessão em que as crianças deviam se arrepender de suas ações. Na etapa seguinte, dois moços de “boa fala” subiam em um lugar alto para ler trechos do catecismo. Ao final de cada capítulo, o padre deveria relatar algum caso exemplar. Para cada uma dessas partes da doutrina, as crianças que melhor memorizassem o texto ganhavam prêmios. Este cerimonial de doutrina, que se tornou marca dos catecismos jesuíticos, se encontra descrito nas cartas dos jesuítas em várias partes do mundo colonial e europeu.

As descrições do uso das doutrinas na Índia e no Brasil são similares às regras sugeridas por Inácio Martins no seu catecismo. Não era apenas um mesmo texto, mas também se transpunha a mesma performance empregada em Portugal para as colônias. Tanto na Índia como no Brasil, repetiu-se o ritual de anteceder a doutrina por uma procissão pela cidade com uma campainha chamando as crianças.<sup>48</sup> Na segunda metade do século XVII, vamos encontrar o mesmo cerimonial de doutrina presente na rotina dos jesuítas na Amazônia. A procissão antecedendo a doutrina continuou sendo realizada, porém a ordem dos participantes no cortejo correspondia à hierarquia estabelecida localmente, como a distinção entre principais (na frente) e demais índios

---

<sup>47</sup> JORGE, Marcos; MARTINS, Inacio. **Doctrina Christã**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1602.

<sup>48</sup> FERNANDES-VIEIRA, Manuel. **A “Doutrina christam” do P. Marcos Jorge**. 1981. Tese (Doutorado) – Universidade de Navarra, Pamplona, 1981, f. 153.

(no final). O texto abaixo é uma descrição de Antônio Vieira na Amazônia no ano de 1654:

Sáimos da nossa igreja à uma hora. Levamos adiante um grande pendão branco com a imagem do santo Padre Inácio, que leva algum índio principal das aldeias, se o há na cidade, ou se não outro de respeito. Vão os nossos estudantes cantando a ladainha. Damos volta pelas ruas principais, levando os índios adiante e as índias atrás, pedindo aos portugueses que estão pelas portas e janelas que os mandem, e, se é necessário, compelindo os que ficam; e desta maneira, com uma muito comprida procissão chegamos à Matriz, e ali, postos os índios de um lado da igreja e as índias do outro, lhes faz o padre a doutrina, ensinando-lhes primeiro as orações do catecismo, e depois declarando-lhes os mistérios da fé, perguntando e premiando os que melhor respondem.<sup>49</sup>

Diferentemente do cerimonial proposto por Martins de dois meninos lerem algumas passagens, a aprendizagem dos textos pelos índios era realizada por meio da memorização. O ensino das orações se dava pela contínua repetição nas horas de doutrina (“Dão conta das coisas da fé por um formulário de perguntas [...] fazendo um de mestre os outros de discípulos, repetiram por ordem a Doutrina Cristã”).<sup>50</sup>

### **A TÍTULO DE CONCLUSÃO: CATECISMO TUPI DE ANTÔNIO DE ARAÚJO (1618) COMO UM PALIMPSESTO DE ORTODOXOS E HETERODOXOS**

O estudo das diferentes tradições de catecismos dialogados no século XVI tinha como objetivo identificar a qual vertente estava ligado o primeiro catecismo tupi impresso em 1618 por Antônio Araújo e reimpresso em 1686. As duas edições foram utilizadas tanto na evangelização da costa do Brasil como na Amazônia, até a expulsão dos jesuítas. Foi o texto cristão em tupi oficializado para uso por todos os missionários.

O catecismo de 1618 era de autoria coletiva no interior da Companhia de Jesus, como diz Araújo no Prólogo: “antigoamente composerao alguns padres doctos & bons linguas”. Entre os muitos autores desta obra, estariam Pero Correia e Leonardo do Vale.<sup>51</sup> O primeiro, como vimos, lia Constantino como inspiração para suas pregações em tupi em 1553; o segundo, em 1574, tinha sido o tradutor do catecismo de Marcos

<sup>49</sup> VIEIRA, Antônio. **Cartas do Padre Antônio Vieira**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970, p. 350.

<sup>50</sup> ANCHIETA, José de. **Doutrina Cristã**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 22. t. II.

<sup>51</sup> LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938, p. 439. v. 9.

Jorge e Inácio Martins para o tupi. Que traços dessas duas correntes de catecismos europeus permaneceram na composição da doutrina em tupi de 1618?

A principal influência da obra de Antônio de Araújo foi o catecismo de Marcos Jorge e Inácio Martins, com sua ênfase nas explicações sobre as fórmulas das orações, o uso dominante de pergunta e resposta de exame e finalmente no tipo de cerimonial em que o texto foi utilizado. Os temas em comum entre a obra de Marcos Jorge e Inácio Martins (1602) e a de Araújo (1618) foram os diálogos sobre o Pai-Nosso, Ave-Maria, sobre o que é ser cristão e sinal da cruz.

Porém encontramos no catecismo tupi de Araújo de 1618 um traço dos heterodoxos, que é uma longa versão sobre a Paixão e sobre a criação e queda do homem. A Paixão de Cristo é um capítulo bastante extenso, dividido em várias sessões. Não é comum encontrar esse tema de forma tão estendida em outros catecismos coloniais deste período. Este tema já fazia parte do catecismo tupi desde 1552, período em que Pero Correia ainda vivia.<sup>52</sup> Esta sessão poderia ser um vestígio da leitura da obra de Constantino, porém transformada em diálogo de exame e enquadrada na forma de evangelização pública, como havia sido na obra de Marcos Jorge e Inácio Martins.

Em suma, o catecismo de Antônio Araújo, texto padrão da catequese desde o século XVII até o XVIII, pode ser visto como um palimpsesto por guardar sinais das duas correntes de catecismos populares europeus.

---

<sup>52</sup> LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938, p. 416.